




Diálogos


ISSN 2177-2940



Machado de Assis e o “anão da Libéria”: raça, trabalho e liberdade nas crônicas *Notas Semanais* (1878)¹

 <https://doi.org/10.4025/dialogos.v29i2.79088>

Ana Flávia Cernic Ramos

 <https://orcid.org/0000-0002-7611-8588>

Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia-MG, BR

E-mail: afcramos@yahoo.com.br

Machado de Assis and the "dwarf of Liberia": race, work and freedom in the chronicles *Notas Semanais* (1878)

Abstract: Published between June and September 1878, Machado de Assis's “Notas Semanais” for the newspaper *O Cruzeiro* were produced during an Agricultural Congress at the Court, which aimed to discuss the future of farming and labor in Brazil. Among the 14 chronicles that make up the series are two texts produced about the visit of Nathan J. Burrows, then called the “dwarf of Liberia,” to Rio de Janeiro. This article aims to analyze these two chronicles, linking them to debates about culture, race, and labor in nineteenth-century Brazil.

Key words: Machado de Assis; literature; race; work; slavery.

Machado de Assis y el "enano de Liberia": raza, trabajo y libertad en las crônicas *Notas Semanais* (1878)

Resumen: Publicadas entre junio y septiembre de 1878, las “Notas Semanais” de Machado de Assis para el periódico *O Cruzeiro* se escribieron en medio de la celebración de un Congreso Agrícola en la Corte, cuyo objetivo era debatir el futuro de la agricultura y el trabajo en Brasil. Entre las 14 crônicas que componen la serie hay dos textos escritos sobre el paso por Río de Janeiro de Nathan J. Burrows, entonces conocido como el “enano de Liberia”. El presente artículo tiene como objetivo analizar estas dos crônicas relacionándolas con los debates sobre cultura, raza y trabajo en el Brasil del siglo XIX.

Palabras clave: Machado de Assis; literatura; raza; trabajo; esclavitud.

Machado de Assis e o “anão da Libéria”: raça, trabalho e liberdade nas crônicas *Notas Semanais* (1878)

Resumo: Publicadas entre junho e setembro de 1878, as “Notas Semanais” de Machado de Assis para o jornal *O Cruzeiro* foram produzidas em meio à realização de um Congresso Agrícola na Corte, que visava discutir o futuro da lavoura e do trabalho no Brasil. Dentre as 14 crônicas que compõem a série estão dois textos produzidos sobre a passagem de Nathan J. Burrows, então chamado de “anão da Libéria”, pelo Rio de Janeiro. O presente artigo visa analisar estas duas crônicas articulando-as aos debates sobre cultura, raça e trabalho no Brasil oitocentista.

Palavras-chave: Machado de Assis; literatura; raça; trabalho; escravidão.

Recebido em: 21/09/2025

Aprovado em: 12/11/2025

¹Agradeço às linhas da área de História Social do Programa de Pós-Graduação em História da Unicamp pela discussão e sugestões dadas ao texto.

Em 17 de junho de 1878 o *Jornal do Commercio* anunciava o surgimento de um novo “fenômeno” na rua do Ouvidor. Segundo a propaganda, mediante o pagamento de 500 réis, o público carioca podia assistir às apresentações do então chamado “anão da Libéria”, um homem de “três pés de altura”, 34 anos, que, “nascido sem braços”, escrevia, cosia, dava tiros com o arco e fazia “diversos trabalhos com os pés”². A estas exibições se somavam outras atrações populares que inundavam a cidade do Rio de Janeiro naquele primeiro semestre de 1878. Entre os anúncios da pista de patinação (o “Skating-Ring”), da “Praça de Touros” e dos espetáculos circenses, estavam também os reclames dos chamados “fenômenos”, tais como o “cavalo de oito pés” e o “homem-peixe” – nadador que se apresentava dentro de um tanque cristalino de água executando tarefas cotidianas. As exibições do “anão da Libéria”, contudo, se diferenciavam das demais atrações, uma vez que se enquadravam num tipo de espetáculo que acabou se tornado muito comum na segunda metade do século XIX, especialmente nos Estados Unidos e na Europa: os *sideshow*s ou *freakshows*. Embaladas, entre outros, pelo imperialismo e pelo racismo científico, tais apresentações promoviam a exibição de indivíduos que, por terem alguma particularidade física ou cultural, se transformavam em objetos de shows muitas vezes humilhantes e de grande interesse popular. Para manter a atenção da plateia por mais tempo, geralmente se esperava que os indivíduos exibidos executassem algum tipo de talento, que fizessem palhaçadas, dançassem, cantassem ou tocassem um instrumento (KOUTSOUKOS, 2020).

Entretanto, pouco depois dos primeiros anúncios sobre as apresentações do liberiano, a história ganharia uma nova repercussão na Corte, trazendo à tona debates que envolviam temas como trabalho, escravidão e liberdade. Isso porque, no dia 16 de julho de 1878, *O Cruzeiro* noticiava o “roubo singular” do “anão”, o que deixou seu empresário, identificado como “ex-ministro da Libéria”, “pesaroso” e em busca dos responsáveis pelo delito, uma vez que ele era o principal beneficiário dos lucros gerados com as tais apresentações. Segundo a reportagem, o “compatriota do café-monstro” andava à procura da “raridade que pertencia-lhe por um contrato”³. A história do roubo rapidamente se espalhou e já no dia seguinte o *Jornal do Commercio* noticiava que “uns pretos” haviam raptado o “anão da Libéria”, levando-o para uma casa na Rua da Imperatriz, “com o provável fim de especular com o *fenômeno*”. De acordo com o *Jornal*, o

² “O Phenomeno – Anão da Libéria”, *Jornal do Commercio*, 17 jun. 1878, p. 6. Ver também os anúncios presentes nas edições dos dias 18, 19, 20, 22, 23, 26 jun., 1878.

³ “Roubo Singular”, *O Cruzeiro*, 16 jul. 1878, p.1. “Café monstro” referia-se a uma nova variedade de café, vinda da Libéria, que se destacava por seu tamanho e produtividade. Na imprensa circulavam vários nuncios sobre o “café gigante”. Ver *O Cruzeiro*, 10 mai.1878, p.4 e *Gazeta de Notícias*, 21 jun. 1878, p.4.

sequestrado já havia sido “apreendido” e “conduzido à presença do Dr. chefe de polícia”. Na delegacia, ele disse “ter consentido no rapto, a fim de libertar-se do contrato que fizera com um indivíduo” que dele tirava “vantagem, expondo-o à curiosidade pública”. Ainda na repartição da polícia, o “anão” havia feito “diversas provas de suas habilidades”, entre elas escrever num papel “algumas palavras em mau inglês”, assinando-as com o nome de Nathan J. Burraws⁴. No mesmo dia, a *Gazeta de Notícias* divulgava uma “publicação a pedido”, supostamente do próprio “anão”, na qual ele declarava que não tinha sido roubado, mas que havia se retirado por “livre vontade das pessoas com quem indevidamente [trabalhou] na Rua do Ouvidor”. Aproveitava ainda para “comunicar ao generoso público fluminense” que tencionava ficar mais algum tempo na Corte, se apresentando agora na rua da Carioca⁵. O impasse em torno das relações entre o empresário e Burraws continuaria pelos dias seguintes. O empresário reclamava a entrega do “anão” e este, por sua vez, segundo a versão um tanto jocosa d’*O Cruzeiro*, alegava que o contrato não era válido pois havia sido “assinado com o pé”, teimando em “não acompanhar o seu pretenso dono”. O jornal explicava ainda que o contrato não estava em “regra”, por “insuficiência de estampilha e prescrição de outras formalidades”. Diante disso, concluía-se que o “anão [tinha] todo direito de escolher novo empresário”⁶.

Ao longo dos meses de junho e julho de 1878, o imbróglio acerca do “anão da Libéria” ocupou os jornais da Corte e entre aqueles que comentaram o caso estava Eleazar, pseudônimo de Machado de Assis na série “Notas Semanais”. Das 14 crônicas escritas para esta série, duas trataram do caso de Nathan J. Burraws e foram publicadas nos dias 23 de junho e 21 de julho de 1878. Tais crônicas dialogaram profundamente com o contexto histórico em que foram escritas, marcado tanto pelos embates intelectuais (e literários) acerca das chamadas “ideias novas” que desembarcavam no país, quanto pelas discussões ocorridas no Congresso Agrícola, convocado pelo ministério chefiado pelo Visconde de Sinimbu para refletir sobre o futuro do trabalho e da lavoura no Brasil. Nas crônicas, o literato comentou não só o cenário cultural do país – como já apontou a bibliografia sobre o tema –, mas falou também sobre a situação de um homem negro, liberiano, que possuía uma deficiência física, se apresentava na Rua do Ouvidor e que decidira enfrentar seu “empresário” e patrão por sua liberdade. A partir de uma abordagem de história social da literatura, a proposta deste artigo é analisar como, através destas duas crônicas, Machado de Assis debateu raça e trabalho em 1878.

⁴ “Rapto de um anão”, *Jornal do Commercio*, 17 jul. 1878, p.2.

⁵ “Publicações a Pedido – Roubo Singular”, *Gazeta de Notícias*, 17 jul. 1878, p.2.

⁶ “Rapto do Anão”, *O Cruzeiro*, 18 jul. 1878, p.1.

As *Notas Semanais* de Machado de Assis

As crônicas intituladas “Notas Semanais” foram publicadas por Machado de Assis n’*O Cruzeiro* entre 2 de junho e 1º de setembro de 1878. Assinadas com o pseudônimo Eleazar, elas foram produzidas num momento crucial da trajetória literária de Machado, pouco antes da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.13). Na tentativa de produzir uma interpretação geral para as “Notas”, John Gledson e Lúcia Granja argumentaram que, embora esta série refletisse acontecimentos políticos do momento em que foi escrita, tais como a nova situação liberal no império, com a ascensão do ministério liberal chefiado pelo Visconde de Sinimbu, e a realização do Congresso Agrícola em julho daquele ano, ela não era de “nenhuma forma” ditada por eles. Vistos como uma “unidade sincrônica”, os textos abrigados na série representariam, por sua vez, uma tentativa do escritor de produzir não só uma reflexão sobre formação e a feição geral da sociedade brasileira, como elaborar, a partir disso, uma forma narrativa (e artística) mais adequada para tratar dessa realidade local e particular. Atento ao momento intelectual do país, quando a chegada de novas ideias estrangeiras⁷ estavam na ordem do dia, Machado, segundo os estudiosos, se mostrava “cético em relação à tentativa de impor ideias europeias à realidade brasileira” (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.43).

Dentre os muitos assuntos surgidos na série, Gledson e Granja argumentam que política e cultura foram os mais recorrentes, tornando-se, assim, eixos centrais para as considerações que Machado teceu a respeito da sociedade brasileira e sua realidade “fora do alcance” de “conceitos filosóficos abstratos” vindos do estrangeiro (GLEDSON; GRANJA, 2008, pp.33-43). Embora reconheçam a presença de temas como escravidão, trabalho e Congresso Agrícola nas crônicas, os autores destacam que a maior parte dos comentários políticos feitos na série dizem respeito às eleições no império, já que naquele momento passou-se a discutir uma reforma eleitoral para o país. Diante de mais uma eleição que se aproximava para eleger a nova licença dos Deputados, em meio a fraudes e violências que marcavam tradicionalmente esses períodos, Machado, segundo eles, apontava nas crônicas uma “imaturidade” social do Brasil (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.47). Ainda nessa mesma chave de leitura, os autores argumentam que a questão do estado cultural do Rio de Janeiro (e por consequência do país) também acabou se tornando fundamental para essa interpretação do Brasil criada por Machado em “Notas Semanais”, na medida em que o literato refletiu, entre outras coisas, sobre o apelo junto ao público de atrações como as touradas, as corridas de cavalo e os espetáculos circenses. No sucesso de tais eventos culturais o cronista teria visto

⁷ Conjunto de teorias que circulam entre os intelectuais brasileiros na década de 1870, entre elas o Positivismo, Determinismo social e racial, Naturalismo e o Darwinismo social, impactando toda uma geração de escritores. Ver ALONSO, 2002; SCHWARCZ, 1993; VENTURA, 1991.

sinais de uma espécie de “meninice social” da sociedade brasileira. Ironizando o entusiasmo do público com modas e estrangeirices que soavam tão artificiais quanto as chamadas “ideias novas”, Eleazar fez de atividades como a patinação, as touradas, o hipismo e o boxe alvos de suas “Notas Semanais” (GLEDSON; GRANJA, 2008, pp.56-57). E um dos exemplos disso seria a crônica publicada no dia 23 de junho de 1878, na qual Eleazar tratava dos “prodígios” que então tomavam as páginas dos jornais, entre eles o “cavalo de oito pernas”, o “homem-peixe” e o “anão da Libéria”⁸.

Na construção do argumento geral sobre a “imaturidade” social do Brasil, Gledson e Granja apontam o comentário do cronista sobre o “anão” como mais um dos sinais do olhar sarcástico de Machado sobre o cenário cultural brasileiro. “Com frequência tudo não [passava] de curiosidade pelo monstruoso”, dizia o cronista. E, uma vez que, nas palavras do literato, o monstro se tornara a “norma” e “o aleijão” estava “acessível a todas as bolsas”, podia-se concluir que “na arte, como na política, a sociedade carioca [rejeitava] o abstrato em favor do assistemático, e ideias em favor de sentimentos”. Estando o Brasil “ainda” numa “infância mental”, o que se tinha então no país era uma sociedade “educada entre a loteria e as sortes de São João”. Segundo Gledson e Granja, ao se defrontar com tais características da sociedade brasileira, Machado acabou buscando formas narrativas para tratar artisticamente tais especificidades nacionais (GLEDSON; GRANJA, 2008, pp.57-62).

Interpretações parecidas sobre o episódio do “anão da Libéria” foram dadas por Daniele Megid e Alex Martins. Megid, ao olhar para a crônica do dia 23 de junho de 1878, dirá que esta evidenciava o incômodo de Machado com a influência que os costumes europeus estavam exercendo sobre a cultura brasileira, vistos por ele como uma “transposição artificial de tradições estrangeiras”, que modificavam as atividades de lazer da população fluminense. Segundo a historiadora, o escritor receava particularmente as “apresentações de aberrações”, “muito comuns em feiras europeias”, e o sensacionalismo que a imprensa fazia sobre isso, o que acabava por tirar o foco de eventos como a estreia da companhia lírica na cidade (MEGID, 2014, pp.79-80). Alex Martins dirá, por sua vez, que o autor acabou antecipando nas “Notas Semanais” elementos fundamentais do romance *Memórias Póstumas*, tais como as relações entre a galhofa e a melancolia (MARTINS, 2018, p.237). E para destacar essa dualidade nos textos d’*O Cruzeiro*, Martins recorreu à mesma crônica de 23 de junho, mostrando como Machado entendia a natureza humana sempre nesse jogo de paradoxos e contradições, misto de cômico e sério, feiura e beleza, ignorância e sabedoria:

⁸ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

Tão normal era a beleza humana, que Sócrates, ao passo que nos transmitiu as suas ideias, transmitiu-nos também o seu nariz, aquele nariz que tinha tanto de grego, como o de Cleópatra tinha de escandinavo: um nariz que se hoje não incorre em nenhuma incapacidade eleitoral ou social, naquele tempo devia ser bem triste de admitir-se entre os olhos de um cidadão. Pois esse nariz veio até nós, - como um exemplo da exceção na regularidade nasal dos gregos. Feliz Hélade, onde os olhos encontravam na figura humana a simples, a adorável elegância da linha dórica, e a graça da ornamentação coríntia; onde quase era preciso inventar o monstro⁹.

Segundo Martins, Sócrates e Cleópatra surgem na crônica como modelos clássicos, respectivamente, de virtude e beleza. Contudo, porque fosse o mais sábio de todos, Sócrates transmitira, “além da sabedoria”, em parte vinculada à ignorância, as condições também do feio e do grosseiro em seu nariz. Tornando-se, assim, “grego e antigrego”, “divino e animal”. Se, como dissera Eleazar, o “aleijão [era] necessário à harmonia das coisas” e “o monstro [era] o complemento da beleza”, o pesquisador concluirá que a “complementaridade dos opostos” era o “principal argumento do cronista para explicar a natureza humana” (MARTINS, 2018, pp.240-241).

Ainda que sejam muito pertinentes para os sentidos da série e da trajetória literária de Machado de Assis no final dos anos de 1870, tais interpretações não propuseram um olhar mais atento aos comentários do cronista acerca daquele homem que se apresentava na rua do Ouvidor. Nessas análises, a história de Nathan J. Burrows surge somente como mais uma das muitas apresentações populares que atraíam (ou distraíam) o público carioca ou ainda como um exemplo das reflexões que o autor vinha fazendo sobre as relações entre a condição humana e a arte. Além disso, tais interpretações não só acabaram se concentrando apenas na primeira “Nota” que Eleazar escreveu sobre o caso do anão, como fizeram uma leitura parcial desta crônica, deixando de fora seções importantes na construção de uma interpretação para o episódio que envolveu o liberiano. Em exercício diverso, a proposta deste artigo é mostrar como as duas crônicas publicadas sobre o “anão da Libéria”, profundamente ligadas ao seu contexto imediato de produção, revelam o olhar atento de Machado para aquele homem negro, com nanismo, julgado por sua aparência e que decidira lutar por sua liberdade, em meio a todos os debates sobre escravidão e trabalho que então ocorriam no Império brasileiro¹⁰. Com um mês de intervalo entre suas publicações, as duas tratam de momentos distintos do episódio que envolvia o “anão da Libéria”: um que antecede o Congresso Agrícola, realizado a partir de 8 de julho de 1878 na Corte, e outro imerso nos ecos dos debates que

⁹ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

¹⁰ Embora Eleazar não cite a cor de Burrows, ele era um homem negro. Em 10 de julho de 1878, por exemplo, o *Diário do Rio de Janeiro*, na seção “Pontos de Comparação” comentava a “exibição de um homenzinho preto” na cidade. Referências à cor do liberiano também vão aparecer em “Aviso importante”, *Revista Illustrada*, 21 set. 1878, ed. 130.

ocorreram neste evento, em particular aqueles ligados à raça e trabalho. A partir de um método de história social da literatura¹¹, este artigo pretende devolver à crônica ao chão do qual ela brotou (CHALHOUB, 2006, p.115), tentando compreender os vestígios deixados pelo literato de como ele participou desses debates contemporâneos às suas “Notas Semanais”.

Sobre narizes e sacas de café

No dia 23 de junho de 1878, as crônicas dominicais de três importantes jornais do Rio de Janeiro decidiram comentar a presença do “anão da Libéria” na cidade. No *Diário do Rio de Janeiro*, Alceste, em seu folhetim “Bric-à-Brac”, ironizava o fato de um “pequenino homem” ter ocupado as atenções naqueles “dias estéreis”. Segundo o cronista, “tendo de si para si alto conceito de sua importância” tanto quanto uma vizinha que acreditava que seu vaso de “manjerição triste e amarelento” era um dos “mais formosos jardins” da cidade, o “anão da Libéria” se tornara a grande atração cultural do momento¹². No rodapé do *Jornal do Commercio*, C. de L., por sua vez, em tom igualmente irônico, começava sua crônica pela apresentação da Libéria. Com lentes emolduradas pelo racismo e por estereótipos culturais, descrevia-a como um “país libérrimo de homens pretos, mas republicanos”, pátria que, “graças à filantropia” dos “yankees”, “homologaram-se perfeitamente os princípios do *self-government* com o abuso do gengibre e do azeite de dendê”. Dizia ainda que aquela era uma terra de florestas “esplêndidas”, onde “[formigavam] tantos chimpanzés que Darwin e seus adeptos nenhuma dúvida teriam em ali pôr o paraíso terreal”, “venerado berço de seus avoengos, os antropoides”. Vista de forma caricatural, a Libéria surgia como o país que preferia a “tanga” ao “sobretudo” e que falava um “inglês africanizado”, cujas “másculas inflexões do anglo-saxonio” se reuniam aos “onomatopaicos ditongos do largo da Sé”¹³.

Lido a partir desse olhar, o “homenzinho” que se apresentava na cidade também era descrito por C. de L. com menosprezo. Sem braços, “como a lavoura nacional”, o anão executava “uma infinidade de trabalhos curiosos”, tais como enfiar uma agulha, calçar as luvas e escrever artigos para os jornais. Sem entender, contudo, por qual razão ele decidira “fixar-se em meio da rua do Ouvidor, numa latitude em que só [costumavam] campear vultos de avantajada estatura social, intelectual e moral”, o cronista destacava que o “recente livro” do “Dr. Macedo” não comentava a presença “daquela fantasia de Swift entre as constelações da Via-Láctea fluminense”¹⁴. Diante desse

¹¹ Este artigo pretende historicizar a obra literária, inserindo-a no movimento da sociedade, investigando suas redes de interlocução social, destrinchando as formas pelas quais ela constrói e representa as suas relações com a realidade. Ver CHALHOUB; PEREIRA, 1998; CHALHOUB, 2019; GAY, 2010; GINZBURG, 2007; CHALHOUB, NEVES; PEREIRA, 2005.

¹² Alceste, “Folhetim- Bric-à-Brac”, *Jornal do Commercio*, 23 jun. 1878, p.1.

¹³ C. de L., “Microcosmo”, *Jornal do Commercio*, 23 jun. 1878, p.1.

¹⁴ Referência ao livro *Memórias da Rua do Ouvidor* publicado no *Jornal do Commercio* a partir de 5 fev. 1878.

estranhamento, no qual um anão se aventurava em meio a gigantes, tal qual nas *Viagens de Gulliver*, C. de L. justificava a questão dizendo que a medicina, “com toda sua ciência”, também não era capaz de explicar por que as “verrugas” nasciam “de preferência na ponta dos narizes mais formosos”. “Parece que o destino prega-nos às vezes dessas peças para convencer-nos da imperfeição dos narizes grandes e dos grandes homens”, afirmava o autor. Por fim, pedia que, “em todo caso, o público não criasse ‘ojeriza’ à ‘pobre vítima da natureza’, isso porque, ‘evidentemente’, nunca lhe havia passado pela cabeça ‘vir fazer-nos uma sátira e muito menos obrigar-nos a refletir sobre certos paralelos inconvenientes’”.¹⁵

No mesmo dia, n’*O Cruzeiro*, Eleazar, como já sabemos, também comentou a presença do anão na cidade. O objetivo aqui é colocá-lo em interlocução com os colegas de imprensa a fim de evidenciar as estratégias que Machado usou para abordar o assunto. Tendo sido publicados no mesmo momento, os três folhetins dominicais revelam que a questão provavelmente estava sendo muito comentada nas ruas, cafés, nas redações dos jornais, enfim, nos meios letrados pelos quais o escritor circulava. A referência a narizes tanto na crônica do *Jornal* quanto nas “Notas” d’*O Cruzeiro*, por sua vez, pode ser um vestígio dessas conversas. Sigamos de perto os passos do cronista, apertando os olhos para os detalhes.

“Dir-se-á que também nos cerca o monstro e o aleijão”, comenta Eleazar já nas primeiras linhas da crônica, logo após concluir que a semana vivenciava uma “quadra dos prodígios”¹⁶. Já de saída, o cronista se mostra atento ao que estava se dizendo sobre o assunto e o uso das palavras “monstro” e “aleijão” certamente sugerem em que termos seus interlocutores estavam vendo (e comentando) a presença do liberiano na cidade. Adotando, contudo, um procedimento diverso de seus colegas, o cronista d’*O Cruzeiro* alertava sobre os perigos de uma correspondência imediata entre aparência e virtude, uma vez que “o monstro [era] o complemento da beleza” e que o “aleijão” era “necessário à harmonia das coisas”, como bem sabiam os “antigos” e a “lenda cristã”, na qual a “beleza física” também podia representar a “fealdade moral”.

Além disso, a própria forma como Eleazar trata cada um dos “prodígios” requer atenção. Se o “cavalo de oito pernas” é lido apenas na chave do humor, pois visto como a “grande evolução da sociedade”, e se o “homem-peixe” surge como metáfora apropriada para crítica às práticas da política imperial ou como alerta para o caráter superficial desse tipo de entretenimento cultural, sobre o “anão”, já nas primeiras linhas do comentário de Eleazar podemos encontrar elementos que, apesar de serem um tanto oblíquos, nos remetem a outros temas: “Quanto ao homúnculo sem braços”, diz ele, “é um anão da Libéria, achado em um saco de café da mesma origem. O grão de

¹⁵ C. de L., “Microcosmo”, *Jornal do Commercio*, 23 jun. 1878, p.1.

¹⁶ Eleazar, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

café é tamanho e o anão é tamanino, que facilmente puderam entrar no mesmo saco”¹⁷. Mas, se fora “achado”, estaria aquele trabalhador negro, africano, escondido na saca de café?

É fato que, no momento em que a crônica foi escrita, muitas sacas de sementes de café da Libéria chegavam ao Brasil. A sugestão de Eleazar de que o anão tivesse chegado ao país dentro de uma delas é, além de claramente humorística, bastante curiosa, porque, embora não seja possível saber exatamente os detalhes da sua viagem ao Rio de Janeiro, tudo indica que Burraws não chegou oculto ao Brasil, mas tenha vindo na embarcação americana *Elverton*, que partiu da Monrovia, capital da Libéria, e que trazia, além de sementes e plantas de café ao comerciante John Petty, alguns passageiros, entre eles os liberianos Charles T. O. C. King, e Nathaniel Borrows¹⁸. Assíduo leitor de jornais, é muito provável que Machado de Assis soubesse dessas informações e estivesse, na verdade, ironizando nas entrelinhas de sua crônica outro assunto do momento: a proibição explícita que o Brasil há anos vinha impondo à entrada de pessoas negras no país, tema que também ocupava a atenção dos jornais já há alguns meses. Em fevereiro daquele ano, por exemplo, 70 “trabalhadores de cor”, que viriam dos Estados Unidos ao Brasil para construir a ferrovia Madeira-Mamoré, desistiram da viagem ao saber de uma notificação do ministro brasileiro em Washington sobre as “antigas leis relativas a escravos” que impossibilitavam a “introdução de trabalhadores pretos” no país¹⁹. Entre os meses de abril e maio de 1878, por sua vez, novas situações como essa se repetiriam²⁰. Poucos dias depois da crônica de Eleazar, por exemplo, uma notícia mostrava que o assunto andava em disputa por aqueles tempos. Retirada do *El Comercio*, de Nova York, a nota republicada pelo *Diario do Rio de Janeiro* chamava a proibição de “complicação diplomática” de “considerável interesse para os cidadãos americanos de origem africana”²¹. Sempre atento às notícias e sendo ele também um funcionário da segunda seção da Diretoria de Agricultura do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, não é difícil imaginar que Machado estivesse há meses a par desses debates.

Wlamyra Albuquerque, em análise sobre a racialização das relações sociais para manutenção de hierarquias e exclusões no processo de desmonte da escravidão, mostrou como, nos anos de 1860 e 1870, eram postos em prática artificios jurídicos para impedir que qualquer homem de cor pudesse emigrar para o Brasil (ALBUQUERQUE, 2009, pp.45-73). Uma proibição fundada

¹⁷ Eleazar, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

¹⁸ Ver “Parte Comercial”, *Gazeta de Notícias*, 1 mai. 1878, p.3; “Liberian Coffee”, *The Anglo-Brazilian Times*, 8 mai. 1878, p.3. Embora com grafia diferente, há uma grande possibilidade de Nathaniel Borrows ser o chamado “anão da Libéria” e Charles T. O. King seu “empresário”.

¹⁹ “Exterior”, *Jornal do Commercio*, 25 fev. 1878, p.1.

²⁰ No dia 3 de julho de 1878, o *Diário de Pernambuco* republicou, por exemplo, um longo artigo intitulado “Emigração para o Brasil”, saído no *Courier* de 11 de maio de 1878.

²¹ “Negros americanos no Brasil”, *Diario do Rio de Janeiro*, 10 jul. 1878, p.1.

em mecanismos eficazes, que não explicitavam que as restrições estavam sendo pautadas em critérios raciais. Uma política dissimulada de exclusão racial, constata a autora. Vale lembrar que, no final da década de 1870, momento profundamente marcado pelas disputas acerca de projetos imigrantistas, quando se imaginava quem seriam os trabalhadores ideais no futuro de um Brasil sem a escravidão, raça havia se tornado tema central. Visando incentivar a imigração europeia, branca, em substituição aos escravizados e trabalhadores nacionais livres, tais projetos tinham o racismo como peça-chave, já que se desejava uma “regeneração racial” da nação, ou ainda uma diluição do elemento negro da população brasileira (AZEVEDO, 2012, pp. 25-26). Certamente atento a essas questões, Machado talvez tenha aproveitado a presença do liberiano recém-chegado à Corte para ironizar (e criticar) tais restrições. Apenas escondido numa saca de café um trabalhador negro, africano, conseguiria entrar no Brasil? Era o que parecia indagar o cronista. Não é difícil imaginar que o assunto estivesse no radar de Machado de Assis. Isso ficaria ainda mais claro quando, em uma de suas “Notas”, publicada apenas três semanas depois da crônica de 23 de junho, Eleazar decidiu comentar o repúdio estrondoso feito contra a única voz que se manifestou no Congresso Agrícola em “favor da introdução de novos africanos” como trabalhadores livres no país²².

Tal resistência a entrada de trabalhadores negros no Brasil nos remete ainda para os possíveis sentidos da fala de C. de L., que em sua crônica dominical falou da Libéria como “uma terra abençoada que [tratava] muito bem aos seus cafezeiros e [exportava] a baixo preço os seus anões”. “Assim fizéssemos nós o mesmo!”, comentou o cronista do *Jornal*²³. Embora não fale isso explicitamente, é possível imaginar que tais frases, ditas em um momento em que se discutia o futuro do trabalho no Brasil por um viés racista, somadas à comparação feita entre o “anão” com a “lavoura” “sem braços”, soasse aos leitores contemporâneos como ecos de antigos desejos da elite política brasileira de diluir a presença de pessoas negras na população nacional, não só proibindo a entrada delas no império, ou ainda trazendo imigrantes europeus para o país, mas exportando os libertos de volta para a África, tal como fizera os Estados Unidos com a Libéria²⁴.

Nesse sentido, se é inegável que a “nota” de 23 de junho debatia a prevalência na cidade de atrações como os “prodígios”, e, por consequência, o estado cultural da sociedade brasileira, por outro, parece ficar evidente que a presença na rua do Ouvidor daquele homem negro, africano, com uma deficiência física, que tinha que se expor por um valor irrisório para sobreviver, tornando-se alvo de chacota pública, também interessava ao cronista por outros motivos. Tal interpretação pode

²² Eleazar, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 14 jul. 1878, p.1. Sobre o repúdio, ver “Congresso Agrícola”, *Gazeta de Notícias*, 9 jul. 1878, p.1. Sobre os comentários de Eleazar ao Congresso, ver RAMOS, 2018.

²³ C. de L., “Microcosmo”, *Jornal do Commercio*, 23 jun. 1878, p.1

²⁴ Sobre projetos acerca do retorno de escravos libertos para a África ver CUNHA, 2012; MAMIGONIAN, 2017.

ainda ser sugerida pelos exemplos e ironias que o cronista mobiliza nas linhas seguintes da crônica. Conforme observava Eleazar, o “anão” custava então “quinhentos réis” enquanto a “negrinha monstro”, “uma virago célebre”, custara, há “vinte anos”, “dois mil-réis”. Afirmado realizar “uma instrutiva comparação dos dois preços”, ele observava que “o progresso econômico” ia tornando o “aleijão acessível a todas as bolsas”²⁵. “Quasímodo não custaria hoje mais de cinco tostões, e Polifemo talvez se mostrasse por simples amor da arte”, concluiria. Além da clara ironia sobre um “progresso econômico” que desvalorizava homens, comentário que certamente serviria também para a forma como políticos e lavradores estavam naquele momento imaginando os trabalhadores do futuro do país, não parece fortuita a lembrança da chamada “negrinha monstro” na crônica. A menina, de 7 anos, fora exposta também na rua do Ouvidor no final do ano de 1850 por conta de seu tamanho e obesidade. Famosa por ter se tornado “atração” pública, a história da “negrinha monstro” ficou marcada (e era lembrada) pela morte precoce da criança em 1851 e pela aberta exploração de seu corpo em vida. Basta circular por edições de jornais de 1850, aos quais Machado certamente lia, para encontrar artigos questionando se o dinheiro arrecadado pela exibição da menina, que se supunha cativa, era revertido para garantir-lhe a liberdade²⁶. Somavam-se, assim, histórias de pessoas negras, submetidas a condições de trabalho precárias e em exibição pública. As referências à Quasímodo²⁷ e Polifemo²⁸, nesse sentido, também são importantes, uma vez que, julgados apenas por sua aparência ou condição física, foram ambos submetidos a injustiças e violências.

Além disso, nos parágrafos seguintes da crônica é possível ainda observar o surgimento de um dos temas que podemos considerar central na primeira “Nota” de Eleazar sobre o liberiano: o julgamento pelas aparências e suas consequências, que incluíam, entre outros, o racismo científico. Uma pista disso é que, assim como C. de L., Eleazar também decidiu falar de narizes. Contudo, diferente do cronista do *Jornal*, ele parece ter se recusado a ver Burrows como a “verruga” ou a “imperfeição” dos “grandes homens”. Eleazar, como vimos, preferiu satirizar a relação – ou equação de equivalência – entre beleza e elevação moral ou intelectual. Ironizando a ideia de uma “feliz Hélade”, onde os olhos encontravam “na figura humana a simples, a adorável elegância da linha dórica, e a graça da ornamentação ‘coríntia’, onde quase era preciso ‘inventar o monstro’”²⁹,

²⁵ Eleazar, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

²⁶ Ver edições do *Diário do Rio de Janeiro* nos dias 4, 16 e 30 de dezembro de 1850.

²⁷ Personagem do romance *Notre-Dame de Paris* (1831), de Victor Hugo, Quasímodo, discriminado por seu aspecto físico, tinha coração puro, compaixão e afeto desinteressado. Ele e Esmeralda foram presos, maltratados e estigmatizados por serem diferentes (VOLOBUEF, 2003, pp.30-32).

²⁸ Polifemo é um ciclope que aparece na rapsódia IX da *Odisséia* de Homero. Ele devora os companheiros de Ulisses e é enganado pelo rei de Ítaca. Retratado como violento, primitivo e sem hospitalidade, Polifemo, embora tivesse uma aparência assustadora, também sofreu com a maldade dos heróis e inspirou mensagens de respeito e cuidado com seres da natureza (SANTOS, 2019, pp.6-10).

²⁹ Eleazar, “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

estrategicamente ele lembrará dos narizes de Sócrates e de Cleópatra. De um lado, um dos filósofos mais importantes da Antiguidade, que transmitira suas ideias à posteridade, mas com um nariz que não era “grego”. De outro, Cleópatra, uma mulher egípcia que ficara conhecida nas obras clássicas pela beleza que encantara Marco Antonio e mudara os destinos de Roma, com um nariz que nada tinha de “escandinavo”. Alex Martins, ao interpretar essa crônica, argumentará que tais elementos no texto de Eleazar destacavam a convivência inevitável, parte da condição humana, entre elementos opostos. Mas, ao ler a crônica de forma mais integral, devolvendo-a para seu contexto histórico de produção, é possível dizer que mencionar narizes, contrapondo-os a padrões brancos de beleza (gregos e escandinavos), num momento de acirradas disputas sobre raça, podia carregar outros significados.

Partindo dessa ideia, observemos as estratégias do cronista. Em primeiro lugar, é preciso destacar que a escolha de Eleazar pela referência à Sócrates pode estar se remetendo a um longo debate sobre a aparência de filósofo. Sócrates, grande filósofo, sempre foi definido pela tradição como “não dotado de beleza”. Surgidas nos diálogos platônicos, as referências à sua aparência ganharam, ao longo do tempo, diferentes interpretações. Se na obra de Platão tal “estranheza” física não foi avaliada negativamente, apenas causando perplexidade, nas *Tusculanas* de Cícero a feição exterior do filósofo foi entendida como sinal de um caráter estúpido e inclinado a excessos (SILVA, 2019, pp. 86-89). Sander Gilman, em seu estudo *Making the body beautiful*, afirma que o nariz de Sócrates acabou se tornando proverbial pela sua suposta fealdade. Montaigne, por exemplo, em seus *Ensaio*s, lamentava a injustiça sofrida pelo filósofo, já que, belo de alma, ele tinha, segundo relatos, o corpo e o rosto tão feios (GILMAN, 2001, p.55). Segundo Paul Zanker, em *The Mask of Socrates*, a figura de Sócrates chocava os padrões de beleza e de virtude de seu tempo, mas acabava por operar também um questionamento desse sistema de valores. Sócrates, nesse sentido, parecia ser uma contradição aos preconceitos sociais que vinculavam a beleza física ao valor ético (ZANKER, 1995, p.38 *apud* SILVA, 2019, pp.105-106). Trazer o “paradoxo de Sócrates” para a crônica parece evidenciar o movimento de Eleazar de ironizar aqueles que menosprezavam o “anão da Libéria” por seu aspecto físico.

Outro ponto essencial é que falar de narizes, como fez o cronista em 1878, para pensar na relação entre características físicas e atributos morais ou intelectuais, podia guardar ainda outros comentários. Isso porque, no contexto histórico no qual a crônica foi produzida, a “ciência racial”, a partir da qual se consolida o racismo científico no século XIX, relacionava as características físicas dos povos (cor da pele e traços anatômicos, por exemplo) a supostos estágios ou graus de civilização. Sander Gilman dirá, inclusive, que, no mundo da ciência oitocentista, a cadeia que se

estendia do mais humano ao menos humano estava, entre outros, baseada na beleza, medida muitas vezes pelo aspecto do nariz. Nesse sentido, narizes pequenos e achatados passaram a ser entendidos por teorias ditas “científicas” como parte da própria definição de raça. Segundo Gilman, a estética facial acabou, então, por se tornar a estética da raça, uma vez que, no século XIX, muitos passaram a defender que o nariz mostrava ao mundo o estado da alma e a falta de um “nariz grego”, entendase ocidental e branco, podia indicar uma falha no caráter, uma degeneração moral ou intelectual.

Nessa perspectiva, é interessante pensar na decisão de Eleazar de recorrer ao nariz de Sócrates para comentar a maneira como o “anão da Libéria” estava sendo visto e julgado por sua aparência. Referências a narizes, inclusive, foram abundantes nos textos machadianos, como já apontou Sidney Chalhoub. Ao analisar o conto “O segredo do Bonzo” (1882), por exemplo, que narra a história de um guru que substituíra narizes carcomidos e doentes por “narizes metafísicos”, o historiador mostrou como Machado de Assis zombou dos “cientistas europeus do século XIX, tão meditados quanto Brás Cubas a respeito da utilidade do nariz”. Certamente lembrando da adesão entusiasmada de intelectuais brasileiros às “novas ideias” estrangeiras que aqui desembarcavam no final da década de 1870, incluindo as de teor racista, o literato recorria aos narizes, órgão tão emblemático da chamada “ciência racial”, para debochar daquele movimento (CHALHOUB, 2003, pp. 124-129).

E é por isso que a referência ao nariz de Sócrates, num momento em que letrados como C. de L. satirizavam Burrows por sua condição física, vendo nele apenas monstruosidade, aponta para o que pode ser considerado um dos temas centrais na crônica de 23 de junho, qual seja o de julgar (ou hierarquizar) pessoas e coisas pelas aparências. Isso fica ainda mais evidente nas partes finais da “Nota” de Eleazar, pouco comentadas pelos estudos anteriores, quando o cronista decide ironizar o fato de a Companhia Ferrari fazer propaganda de seus espetáculos de música usando os retratos de seus cantores, valorizando a beleza antes de qualquer outra coisa. Para o cronista era difícil compreender por que, “inventada a fonografia”, que podia transmitir as “vozes dos cantores”, as empresas haviam de “continuar a usar da fotografia”, que apenas transmitia as caras, “com as quais nada [tinham] os nossos ouvidos”. Raciocínio que concluirá de maneira absolutamente irônica, ao afirmar que, na verdade, era “óbvio que as empresas [tinham] razão”, uma vez que “um belo rosto predispõe um bom coração”. Conforme apontava o cronista, “facilmente se [perdoava] aos olhos de uma ninfa a ausência da voz filomela”³⁰. Com galhofa, ele criticava uma sociedade que se guiava pelas aparências, que ia ao teatro não para escutar música, mas para observar a “beleza feminina” das artistas. Já na última seção da crônica, Eleazar afirma ter criado um “invento” que iria deitar “por

³⁰ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 23 jun. 1878, p.1.

terra todos os anteriores”, tais como o “microfone” e o “fonógrafo”. Segundo ele, sua invenção aplicava-se ao “coração dos outros”, “transmitindo as expressões do músculo”, que confirmariam, ou não, a sinceridade daquilo que era dito pelas pessoas. Segundo o cronista:

O resultado é muita vez a mais formidável cacofonia. Um exemplo:

PELA BOCA: – Deixa-te disso; bem sabes que entre ti e o Palha não posso nem devo hesitar: seria esquecer a tua velha amizade.

PELO INSTRUMENTO: – Vale tanto um como outro; e bem tolo fora eu³¹.

“Separar o joio do trigo”, ver “os que amam e os que o empulham”. Segundo o cronista, o instrumento podia também ser empregado “nos negócios, na propaganda política, em tudo o que traga relações pessoais”³². Superar as aparências, as superficialidades, chegar ao íntimo das coisas, é assim que Eleazar encerra sua crônica de 23 de junho de 1878.

Trabalho e liberdade: a fuga do Nathan J. Burraws

Eleazar voltou a escrever sobre o “anão da Libéria” no dia 21 de julho de 1878. Embora tenha recebido pouca atenção dos estudiosos, esta nova crônica contém elementos importantes para pensarmos de que maneiras a história daquele homem chamou a atenção de Machado de Assis. O cronista retorna ao assunto porque, em meados de julho, como já sabemos, o liberiano abandonou seu empresário e decidiu transferir suas apresentações para um novo endereço. Após o seu desaparecimento, Burraws foi procurado pela polícia e, quando encontrado numa casa na rua da Imperatriz, “para onde o levaram os seus raptos”, uns “pretos minas”³³, ele teve que ir para delegacia. Ao delegado, alegou que se deixou raptar para “libertar-se do contrato que fizera com um indivíduo, o qual dele tirava vantagem”³⁴. Parecia claro que, no centro de todo o imbróglio, estavam as condições de trabalho impostas ele. A começar pelas impressões que certamente o episódio podia suscitar nos leitores contemporâneos, já que toda a situação, de certa forma, se assemelhava aos muitos casos de escravizados que se deixavam roubar para fugirem de seus senhores. Situação cotidiana de uma sociedade escravista, quando muitos casos de furto de escravos, eram, na verdade, planos de fuga dos escravizados em busca de um novo senhor e melhores condições de trabalho (CARVALHO, 1987; CHICORSKI, 2023). Além disso, o próprio vocabulário usado nas notícias sobre o caso revelava o embaralhamento das fronteiras entre trabalho livre e compulsório na relação

³¹ *Idem*.

³² *Ibidem*.

³³ “Roubo Singular”, *O Cruzeiro*, 17 jul.1878, p.2.

³⁴ “Rapto de um anão”, *Jornal do Commercio*, 17 jul.1878, p.2.

de Burraws com seu agente. Segundo *O Cruzeiro*, o empresário, cujo nome foi insistentemente omitido nas reportagens³⁵, estava à procura da “raridade que lhe pertencia por um contrato”. Em outra edição, referia-se a ele como o “pretense dono” de Burraws³⁶. Já *O Socialista*, jornal que se propunha “combater em favor dos párias sociais”, afirmou que o “anão da Libéria [era] um homem livre a quem [procuravam] escravizar com um contrato”. “O Sr. Dr. chefe de polícia, julgar-se-há em Pequim?”, questionava o articulista³⁷.

A referência à China não era fortuita naquele momento, já que o “rapto” ocorrera poucos dias depois do término do Congresso Agrícola. No evento, quando se discutiam os problemas enfrentados pela “grande lavoura”, entre eles a chamada “transição do trabalho escravo para o livre”, evidenciou-se como as elites política e econômica do país enxergavam os trabalhadores, aos quais se referiam constantemente como meros “braços” para a agricultura. Com o fim da escravidão dado como certo – e tendo este tema se tornado urgente desde a libertação dos nascituros em 1871 – a questão se mostrava na ordem do dia (CARVALHO, 1988; EINSENBURG, 1989). Desejosos de um “trabalhador livre” que fosse submisso e barato, os participantes do Congresso revelavam o quanto ainda estavam pensando (e projetando um futuro) dentro dos moldes do trabalho compulsório (AZEVEDO, 2012, p.42). Embora a imigração europeia tenha surgido como uma possibilidade, uma vez que era entendida como elemento civilizador para a sociedade brasileira, rapidamente os debates resgataram antigos projetos de importação de trabalhadores, mas agora chineses para substituir os escravos. Conforme J.C. Galvão havia dito alguns anos antes, o *chin* se mostrava vantajoso para o Brasil por ser laborioso, econômico e “subalterno com satisfação” (AZEVEDO, 2012, p.30). Dividindo opiniões, a imigração chinesa – rejeitada por muitos devido a questões raciais – seguiu sendo uma pauta pública importante naquele julho de 1878 e evidenciando o desejo das elites brasileiras por regimes de trabalho que em muito se assemelhavam a uma lógica escravista (BALABAN, 2015; RAMOS, 2018).

A situação do chamado “anão da Libéria”, preso ao seu “empresário” por um contrato, não deixava de lembrar ainda outro ponto bastante emblemático do Congresso Agrícola: a discussão sobre a necessidade de uma nova lei de locação de serviços que fosse ainda mais severa que a criada em 1837. Mostrando-se temerosos de um mundo sem a escravidão, os fazendeiros reunidos ali

³⁵ Tudo indica que o empresário fosse Charles T. O. C. King, que chegou com ele na embarcação *Elverton*. Os jornais se referem ao empresário como sendo um “ex-ministro”. Atuando como uma espécie de representante da Libéria (e seu café) no Brasil, King foi tratado com certa solenidade pela imprensa, que se referiu a ele como alguém que ocupou vários cargos importantes naquele país. Ver “Ineditoriaes”, *O Cruzeiro*, 23 mai. 1878, pp.1-2; *The Anglo-Brazilian Times*, 23 mai.1878. King, além de magistrado, maçom, comerciante, chefe dos correios e Secretário do Interior, foi integrante da “Colonization Society of the United States” e por décadas um dos responsáveis pelo transplante do café liberiano para o Brasil (HEARD, 1898, p.56).

³⁶ “Rapto do anão”, *O Cruzeiro*, 18 jul.1878, p.1.

³⁷ *O Socialista*, 20 jul. 1878, p.2.

pensavam em estratégias para controlar o novo trabalhador livre. Nesse sentido, surgiam propostas como a apresentada pelos lavradores da província de São Paulo, que almejava uma legislação que previsse, entre outras coisas, a coação ao trabalho, as garantias do empregador em receber pelo serviço pago e a prisão para os que não cumprissem seus contratos³⁸. Vale ressaltar ainda que as discussões sobre leis de locação de serviço (para imigrantes e trabalhadores nacionais) atravessaram todo o século XIX e sempre foram marcadas por disputas sobre o que seria o “trabalho livre”, que nem sempre foi “experimentado como categoria apartada da escravidão” ou divergente dela, tampouco “incompatível” com as relações de trabalho escravista (MENDONÇA, 2007, p.5). Até mesmo o vocabulário para se referir aos trabalhadores por contrato se misturava ao universo de palavras ligadas à escravidão, como propriedade, fuga, entre outros, como podemos observar no caso de Burraws. O que podemos dizer é que, no cenário em que ocorria o Congresso, o Brasil já assistia a uma série de arranjos de trabalho que extrapolavam essa separação ortodoxa entre trabalho escravo e trabalho livre (LIMA, 2005, p.295). Embora pouco saibamos da condição de trabalho exata de Nathan J. Burraws, podemos imaginar como sua detenção na delegacia após abandonar seu empresário-patrão podia suscitar comentários como os d’*O Socialista*, embaralhando as fronteiras entre trabalho livre e compulsório para aqueles que acompanhavam o caso³⁹.

Certamente atento a toda essa repercussão na imprensa, Machado de Assis escolheu em sua crônica de domingo repassar alguns sentidos mais profundos em toda a história do “rpto”. E, mais uma vez, ele decidia seguir caminho diverso da maior parte dos comentários que circulavam sobre o caso. Isso porque, embora citassem os impasses sobre o contrato de trabalho entre Burraws e o tal agente, as notícias veiculadas haviam se concentrado muito mais em dar notas jocosas sobre a questão. Segundo algumas dessas matérias, por ser Burraws “tão pequeno”, era “bem possível que algum amador o [tivesse] metido no bolso por descuido”⁴⁰. Ou que, “farto de ser admirado”, já não podendo “com tanta glória”, ele havia se queixado disso “aos tais pretos que o levaram”⁴¹. Em puro tom de deboche, a *Gazeta* dizia ainda que o “anão sem braços” era o “braço direito” do empresário⁴². Já a *Revista Illustrada* satirizava a troca da rua do Ouvidor pela da Carioca para as apresentações, concluindo, por isso, que Nathan era “gajo”, “mas muito Burro...ws”⁴³. Eleazar, por sua vez, embora não abdicasse de uns toques de humor no texto, centrava seus comentários justamente nos temas trabalho e liberdade. Além disso, começava dizendo que a cidade ainda estava

³⁸ “Congresso Agrícola”, *O Cruzeiro*, 10 jul. 1878, p.1. Lei n.108, de 11 de outubro de 1837. Ver *Coleção das leis do Império do Brasil de 1837*, 1861.

³⁹ Sobre as fronteiras entre trabalho livre e escravo ver também LAMOUNIER, 1988; LINDEN, 2013.

⁴⁰ “Roubo Singular”, *O Cruzeiro*, 16 e 18 jul. 1878, p.1.

⁴¹ *Gazeta de Notícias*, 17 jul.1878, p.1.

⁴² *Idem*.

⁴³ “Piadas”, *Revista Illustrada*, ed. 121, 1878, p.3.

“debaixo de uma grande impressão de espanto” por conta de tais eventos, “*la chose la plus extraordinaire et la plus commune, la plus grande et la plus petite*”⁴⁴. Dessa maneira, já nas primeiras linhas da seção II de sua crônica, dedicada ao rapto do “anão”, ele estabelecia uma clara chave de leitura, afirmando que aquilo que parecia extraordinário, podia ser, na verdade, bastante comum. Em cena estava um homem, negro, que se viu numa condição de trabalho injusta e que decidiu romper seu contrato para trilhar novos rumos. Vejamos como Eleazar comenta o caso:

Com efeito, o anão da Libéria deu uma canivetada no contrato, deixando-se raptar, como qualquer Sabina. Ou inclinação pessoal, ou capricho, ou simples rebelião das potências da alma, qualquer que fosse o motivo secreto da ação, o fato é que o homúnculo mostrou de modo afirmativo que um filho da Libéria deve amar, antes de tudo, a liberdade. Questão de cor local. Entendeu o anão, Sir Nathan Burraw, que o fato de não ter braços não lhe tira a qualidade de homem, a qual reside simplesmente nas barbas, que o dito anão espera vir a ter em tempo idôneo, e sabe lá, se barbas azuis, como as do marido de sete mulheres. Por enquanto, não muda de mulheres, mas de contratantes; e, preço por preço, inclina-se aos minas, que são seus malungos. Podemos dizer que é a alma de Brutos no corpo de Calibã⁴⁵.

Três movimentos feitos por Eleazar na crônica nos interessam aqui. Em primeiro lugar, ao contrário dos colegas da imprensa que olhavam para o episódio e pareciam ver apenas uma anedota com um “anão”, Eleazar, reivindicando antes de tudo a “qualidade de homem” de Burraws, investigava os “motivos secretos” de sua ação, ou ainda o seu protagonismo no rapto. Acionando imagens que direta ou indiretamente se referiam ao mundo da escravidão, ele também dava pistas de como estava entendendo as relações de trabalho naquele impasse. Ainda que a ligação entre Burraws com o “empresário” se desse por um “contrato”, as tênues fronteiras entre trabalho livre e trabalho forçado estavam no centro da questão. Ao lembrar, por exemplo, que Burraws era um “filho da Libéria” e que, por isso, devia “amar, antes de tudo, a liberdade”, o cronista trazia para o primeiro plano a memória de como originalmente aquele país se constituía. Mais do que uma exportadora de sementes gigantes de café, como eram estampados os anúncios nos jornais, a Libéria surgia na crônica como o destino de recém-libertos da escravidão e de outros filhos de escravizados já nascidos livres nos Estados Unidos, que iam para lá buscando superar as limitações e desigualdades sociais e políticas impostas pela vida na América⁴⁶. Rompendo com a escravidão, alcançando a liberdade, desejavam livrar-se também das desigualdades oriundas de uma lógica

⁴⁴ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 21 jul. 1878, p.1. A frase é uma citação de Madame de Sévigné (1626-1696), em carta de 15 de dezembro de 1670 à Madame de Coulanges (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.174).

⁴⁵ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 21 jul. 1878, p.1.

⁴⁶ Notícias da época que apresentavam a Libéria como a República “fundada na Costa Oeste d’África, com negros emancipados dos Estados Unidos” podem ser encontradas em *Gazeta de Notícias*, 14 mai. 1878, p.2. Sobre o tema ver SOUZA, 2020; SOUZA, 2008.

escravista de exploração do trabalho. “Questão de cor local”, provocava o cronista.

Um segundo movimento é a forma como o Eleazar se refere aos “pretos minas” envolvidos no caso. De acordo com o cronista, “preço por preço”, Burraws, “deixando-se raptar”, teria escolhido os “minas” como seus “novos contratantes” por estes serem seus “malungos”. É claro que a própria referência aos “pretos minas” – feita também por outros jornais – por si só talvez já evocasse para os leitores da época sentidos que remetiam tanto ao mundo da escravidão quanto as resistências a ele. Vejamos, por exemplo, a notícia publicada pela *Gazeta* em novembro de 1877 sobre a existência na rua da Misericórdia de casas “onde [moravam] uns pretos minas que [tinham] costume de acoutar escravos fugidos”⁴⁷. Além disso, não deixa de ser plausível que a participação dos minas na história do “rapto” tenha suscitado a lembrança da intensa participação deles em uma rede de “furto” e “autofurto” de escravos que se formou no Rio de Janeiro nos anos de 1830 e 1840 para ajudar os cativos a fugirem em busca de melhores condições de vida (CHALHOUB, 2012, pp.155-156).

Contudo, na crônica a referência aos “pretos minas” vinha ainda acompanhada da palavra “malungo”, que certamente mobilizava outros sentidos para a ligação que o liberiano estabelecera com o grupo. Tal palavra não apareceu em nenhuma outra reportagem sobre o caso, sendo mobilizada apenas por Eleazar. “Malungo”, segundo os estudos lexicográficos publicados em 1873 na *Revista Brasileira*, significava “parceiro, da mesma laia, camarada, parente”. Citando o dicionário Moraes, a revista diz que “meu malungo” era como chamava “o preto a outro cativo que veio com ele na mesma embarcação”⁴⁸. Ao utilizar tal palavra, o cronista não só reiterava a proximidade do episódio com o mundo da escravidão (ou a presença de uma lógica escravista naquela ligação contratual entre Burraws e o “empresário”), mas reforçava naquelas relações entre ele e os minas a solidariedade, o companheirismo e, por que não, a cumplicidade nas lutas pela liberdade. Importante dizer que Burraws provavelmente entrou em contato com os pretos minas, seus “malungos”, em meio ao desembarque e transporte das sementes de café vindas da Libéria, na região entre o cais e os armazéns no Rio. Representando a maior parte dos libertos entre os trabalhadores do transporte da cidade até 1864, há indícios que os minas tenham atuado de forma predominante no carregamento de café⁴⁹. Além disso, eles se tornaram conhecidos por consolidarem uma forte organização, baseada na tradição, capaz de fazer “articulações específicas para se libertar

⁴⁷ *Gazeta de Notícias*, 22 nov. 1877, p.1.

⁴⁸ “Estudos Lexicographicos”, *Revista Brasileira*, ed. 4, Ano I, Tomo IV, pp.263-264. Rio de Janeiro: N. Midosi, Editor, 1880. Em 1871, o termo “malungo” também foi usado algumas vezes por Bernardo Guimarães em “Uma história de quilombolas” (GUIMARÃES, 1871, p. 5). Sobre o uso da palavra “malungo” no contexto da escravidão ver SLENES, 1992.

⁴⁹ Sobre o trabalho de transportes no Rio de Janeiro ver TERRA, 2009. E sobre a presença dos minas no comércio ambulante e no carregamento de mercadorias ver FARIAS, 2012.

do cativo, enriquecer e se tornar visíveis aos olhos da sociedade escravista do Brasil” (FARIA, 2004, p.137). Fortes comerciantes, talvez por isso Eleazar, ao tentar investigar como se operara o “rpto”, afirmasse:

Dizem uns que ele foi arrebatado como uma simples ilha de Chipre, mediante um tratado secreto; e há quem queira ver no ato dos pretos minas uma imitação do velho Disraeli. É uma exageração; o mais que eu poderia admitir seria um pequeno reflexo⁵⁰.

A menção a Benjamin Disraeli lembrava os leitores da ação do então primeiro-ministro inglês que, naquele momento, participava das negociações ocorridas no Congresso de Berlim, “ajudando a rever e redistribuir as anexações territoriais russas, consequências da guerra russo-turca” (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.175). O político, visando seus próprios interesses econômicos, teria feito, uma semana antes do congresso, um acordo secreto com os turcos e conseguido, em contrapartida, a administração da ilha de Chipre, essencial para as rotas marítimas britânicas. Ao fazer esse paralelo, o cronista sugeria que os minas, tal como o premiê britânico, haviam agido também por interesse comercial no caso de Burraws, ainda que isso fosse um “pequeno reflexo” de toda a ação. Contudo, o mais importante é que, nesse raciocínio, Eleazar evidenciava, por outro lado, a atuação do próprio Nathan Burraws em toda a história, negociando e mudando de “contratantes”. Isso não só se somava às declarações dadas pelo liberiano à polícia, como se diferenciava das notícias e piadas feitas sobre o caso na imprensa, quando se aventou, por exemplo, que o “anão” tivesse sido simplesmente roubado pelos minas⁵¹.

O terceiro e último movimento feito por Eleazar não deixa de ser uma espécie de conclusão para a chave de leitura com a qual ele abriu seu comentário sobre o episódio. Se ele começara dizendo que o caso parecia extraordinário, sendo também muito comum, agora ele concluirá sobre o que, de fato, estava no fundo de toda a história:

Qualquer que fosse o modo [pelo qual se dera o rpto], a verdade é que com o empresário do anão, deu-se o inverso do que usualmente acontece. Há homens que deixam o ofício; aqui foi o ofício que deixou o homem. Vejam que triste exemplo deu a Patti. Todas as galinhas de ovos de ouro querem agora pôr os ovos para si. No fundo deste incidente há uma questão social⁵².

O nome da cantora francesa Adelina Patti andava por aqueles meses nos jornais (em especial os franceses) porque fora aos tribunais pedir a anulação de seu casamento com o Marquês de Caux.

⁵⁰ Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 21 jul. 1878, p.1.

⁵¹ “Roubo singular”, *O Cruzeiro*, 16 e 17 jul. 1878, p.1.

⁵² Assis, Machado. “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 21 jul. 1878, p.1.

A cantora alegava que o matrimônio, ocorrido há dez anos em Londres, devia ser anulado porque não havia se consumado⁵³. A história era tratada pela imprensa recorrentemente com um viés moral, sugerindo certa promiscuidade da cantora⁵⁴. Contudo, o que estava claro no impasse era, na verdade, uma disputa financeira. Patti, desde que se casara, ganhara cerca de 630 contos de réis, que foram então administrados pelo marquês. Restando apenas 288 contos de toda sua fortuna – que o ex-marido empregara em seu próprio nome –, ela decide pedir a anulação do casamento para que tal valor lhe fosse restituído integralmente⁵⁵. “Todas as galinhas de ovos de ouro querem agora pôr os ovos para si”, concluiria Eleazar. Segundo o cronista, aqueles que trabalhavam e produziam queriam ter o direito de usufruir dos resultados de sua própria labuta. Burraws, o “ofício” de seu empresário, parecia almejar o mesmo, impondo sua separação do agente e seguindo livre para escolher outros caminhos.

Como disse o cronista, a história que soava extraordinária, era também comum. Tão comum que, na verdade, representava uma “questão social”. Ao ler a crônica de Eleazar, talvez fosse impossível ao leitor contemporâneo não notar que o cronista dialogava, ainda que indiretamente, com os debates ocorridos há poucos dias entre fazendeiros, senhores de escravos e políticos no Congresso Agrícola. O tema (trabalho livre e escravo) estava na ordem do dia, sendo amplamente comentado na imprensa. Eleazar, por sua vez, já havia demonstrado interesse pela pauta na crônica da semana anterior, quando, em suas “Notas” de 14 de julho, ele tratou da fuga de 80 imigrantes russos instalados no sul do Brasil. Insatisfeitos com as condições da colonização que encontraram ao chegarem no país, tais imigrantes decidiram atravessar a fronteira brasileira rumo ao Estado Oriental (Uruguai), quando foram detidos pela polícia e acusados de não saldar as dívidas com os cofres públicos do Paraná. Com humor e ironia, atento a uma “miríade de arranjos de trabalho”, que “combinavam graus de liberdade e elementos de coerção” (LIMA, 2005, p.295), Eleazar havia aproveitado o episódio para observar como as falas do Congresso sobre a imigração e o “trabalhador ideal” contradiziam as inúmeras notícias sobre salários atrasados, revoltas e insatisfações com as condições de trabalho existentes no Brasil. Em suas “Notas”, ele refletia sobre a precariedade tanto da liberdade quanto do trabalho livre nas últimas décadas do império (RAMOS, 2018, p.26). Em 21 de julho, com o “raptó”, o cronista voltará ao tema, que parecia não sair de sua cabeça e que acabou emoldurando seu olhar para todo aquele episódio envolvendo Nathan J. Burraws.

⁵³ “Adelina Patti”, *O Cruzeiro*, 20 jul. 1878, p.1.

⁵⁴ Sobre o caso “Ver, ouvir e cantar”. *Jornal do Commercio*, 18 jul. 1878, p.1. Ver também edições de 17 set. 1878, p.3 do *Jornal*, bem como as do *Jornal de Lisboa*, de 8, 9, 26 e 27 jun. 1878, p.2.

⁵⁵ “Questão Patti-Marquez de Caux”, *Jornal da Noite*, edições 16 e 17 jul. 1878, p.2.

É fato que nas duas crônicas em que Eleazar abordou tais questões ele o fez por outros caminhos ao invés de analisar abertamente os debates promovidos pelo Congresso Agrícola. Para falar do caso envolvendo os imigrantes russos, por exemplo, o cronista adotou uma estratégia bastante frequente na série, que era tornar episódios retirados dos jornais em histórias fantásticas, levando-as a graus paradoxais e absurdos, a fim de revelar verdades (GLEDSON; GRANJA, 2008, pp.34-35). Invertendo sentidos e fatos, ele dirá, na crônica de 14 de julho, que os russos, pertencendo a uma seita, na verdade, perseguiam o presidente da província para pagar uma dívida. Exatamente o oposto do que estava sendo dito pelos jornais⁵⁶. Tal método foi largamente usado por Eleazar na série “Notas Semanais” e talvez um dos motivos para isso fosse, além das questões literárias já apontadas pela bibliografia, o próprio perfil do jornal onde suas crônicas estavam sendo publicadas. *O Cruzeiro* (1878-1883), periódico que surgira na Corte em janeiro de 1878, lentamente foi desenhando para si uma linha editorial mais conservadora, em especial quando o assunto era a escravidão⁵⁷. Cauteloso em não se opor abertamente ao editorial da folha, Eleazar talvez tenha visto nos caminhos da ficção e da paródia uma boa solução para publicar suas opiniões. É preciso notar, contudo, que o tratamento dado ao caso de Burraws foi um tanto diferente daquilo que foi feito para os russos. No caso do “rpto” do “anão da Libéria”, Eleazar, ao tecer seus comentários, foi bastante fiel às notícias que circularam sobre o caso. Se tradicionalmente ele transformava notícias corriqueiras em histórias absurdas, aqui ele se apropriou de um episódio tratado pela imprensa como “extraordinário”, quiçá estranho e inusitado, para mostrar, na verdade, o quanto ele podia ser terrivelmente cotidiano e comum. Em um país cuja lógica que organizava o mundo do trabalho era escravista, a história de Burraws dispensava artefatos literários, ou narrativas fantásticas, para que ficassem evidentes seus sentidos sociais e políticos.

Depois dos eventos citados nas “Notas Semanais” de Eleazar, Nathan J. Burraws deixou poucos vestígios de si nos jornais cariocas. O que sabemos é que ele decidiu abandonar o empresário pouco depois do anúncio da última apresentação na rua do Ouvidor⁵⁸. É interessante notar que, poucos dias depois do “rpto”, já surgia nos jornais um novo reclame de suas apresentações, agora na rua da Carioca. O conteúdo desse novo anúncio chama a atenção, uma vez que agora notamos a presença não só das iniciais de seu nome verdadeiro, “N. B.”, mas também uma espécie de justificativa para a manutenção do espetáculo:

⁵⁶ “Notas Semanais”, *O Cruzeiro*, 14 jul. 1878, p.1. Ver RAMOS, 2018.

⁵⁷ Sobre o conservadorismo do jornal ver CRESTANI, 2013; GLEDSON; GRANJA, 2008. Em setembro de 1878 Machado de Assis sai d’*O Cruzeiro* após uma guinada nesse perfil conservador. Segundo Magalhães Júnior, o literato se afastou quando Henrique Corrêa Moreira, diretor do periódico, fez um “pacto” com Martinho Campos, o “escravocrata da gema”, para orientar editorialmente *O Cruzeiro* na defesa desta instituição (MAGALHÃES JÚNIOR, 1981, Vol. II, pp. 251-252).

⁵⁸ O “Adeus! Adeus! Adeus!...”, *Jornal do Commercio*, 6 jul. 1878, p. 6.

O maior fenômeno do mundo (nascido sem braços) – Ver para crer – executando com os pés vários trabalhos como escrever, coser, dar tiros com a pistola e arco, cortar, acender fósforos, etc. N. B. – O anão da Libéria **espera do respeitável público o seu valioso auxílio, a fim de tornar-se mais suave a sua existência** [grifos nossos]. Grande concerto ao piano por um hábil pianista⁵⁹.

Burraws, por fim, solicitou à Câmara Municipal da Corte uma autorização para regularizar suas apresentações nesse novo endereço. No pedido, registrado no livro de “Diversões Públicas”, ele também enfatizou sua condição, dizendo que pedia “permissão para abrir a mesma casa”, já que “não [desejava] mais ser alvo de especulação de outros”. Segundo ele, “resolveu estabelecer-se a fim de com o produto das entradas manter-se e subsidiar-se, visto ser aleijado e não poder ter outro meio de vida”⁶⁰. Depois disso, só foi possível encontrar notícias sobre ele na publicação que informava sua chegada na capital da Bahia, em novembro de 1878⁶¹.

Considerações Finais

Sabemos, como vem mostrando a bibliografia especializada, que a série “Notas Semanais” teve papel fundamental em um dos momentos mais cruciais da trajetória literária de Machado de Assis. Como muito bem apontaram Gledson e Granja, a série, escrita entre *Iaiá Garcia*, finalizada em setembro de 1877, e a aparição de *Memórias Póstumas* na *Revista Brasileira*, em março de 1880, funcionou para o autor como um importante espaço de liberdade e experimentação literária, indicando os passos dados por Machado rumo ao seu novo romance. Atentos à variedade de escritos (contos, fantasias, críticas e crônicas) que o autor publicou sob o pseudônimo Eleazar, os estudiosos mostraram como o literato explorou o uso de absurdos e de metáforas ampliadas nos textos a fim de revelar verdades sobre a sociedade e a cultura brasileiras, ao mesmo tempo que buscava novas formas narrativas para tratar de tais questões. Ainda que atentos aos acontecimentos cotidianos e eventos políticos comentados nas crônicas, os autores ressaltaram que buscaram sair do “ambiente imediato do jornal *O Cruzeiro*”, para inserir os textos de “Notas Semanais” no “contexto mais amplo da evolução de Machado no final da década de 1870” (GLEDSON; GRANJA, 2008, p.16). Alex Martins, por sua vez, afastando-se radicalmente do contexto imediato das crônicas, buscou compreender os referenciais filosóficos que inspiraram as “Notas” de Eleazar, vendo nelas uma “investigação cética” sobre a realidade, uma busca de Machado por um “ponto de vista adequado

⁵⁹ “O anão da Libéria”, *Jornal do Commercio*, 20 jul. 1878, p.6.

⁶⁰ ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, “Diversões Públicas, 1870-1895”, 42-3-19, pp. 41-42. O pedido é deferido em meados de agosto na Sessão da Câmara. *Jornal do Commercio*, 13 ago. 1878, p.1.

⁶¹ *Gazeta de Notícias*, 1 nov. 1878, p.4.

para expressar a dicotomia humana”. Criando “hipóteses metafísicas sobre a psicologia humana”, o literato teria explorado em tais textos os paradoxos do mundo e desenvolvido uma forma narrativa que marcaria sua produção na década seguinte (MARTINS, 2019, p.241).

Ainda que não discorde de tais análises, o que foi proposto neste artigo foi um exercício diverso com as crônicas escritas por Machado de Assis em meados de 1878. A ideia aqui foi mergulhá-las em seu contexto histórico imediato, tentando compreender de que maneira o literato, através de suas “Notas Semanais”, participou de debates que então ocupavam a arena pública no Brasil. Apertando os olhos, consultando velhas páginas de jornais, a ideia foi ver Eleazar em interlocução não só com os eventos que motivaram seus escritos, mas com seus colegas de imprensa. Ao fazer isso, foi possível observar como as impressões de Machado de Assis sobre o caso dialogavam com as disputas acerca da então chamada “transição da escravidão para o trabalho livre”, explicitadas no Congresso Agrícola. Em acalorados debates repercutidos na imprensa, os participantes de tal evento, sob um viés profundamente racista, expunham seus interesses e desejos para o futuro do trabalho (e do trabalhador) no país. Provavelmente frustrado com os rumos que as discussões sobre escravidão e trabalho ganhavam em 1878, ele comentou o caso de Burraws com olhos atentos no alinhamento político do Visconde de Sinimbu, chefe do gabinete de ministros, liberal, com os interesses escravocratas. A despeito das expectativas reformistas que haviam se intensificado com a volta dos liberais ao poder em janeiro de 1878, depois de dez anos fora dos ministérios (ALONSO, 2015, p.120), Sinimbu decidira convocar um Congresso Agrícola para ouvir, sem intermediários, as opiniões da lavoura (como eram chamados os grandes agricultores) sobre o assunto (CARVALHO, 1988). Nesse sentido, o objetivo do artigo foi mostrar como as impressões de Machado de Assis sobre Nathan J. Burraws estavam profundamente ligadas a essa experiência histórica do literato. O exercício mostrou que, para além dos aspectos culturais, filosóficos ou literários, o autor também teceu comentários políticos sobre a história de Burraws.

Além disso, buscou-se compreender como Machado de Assis não olhou para o “anão da Libéria” apenas como uma atração exibida na rua do Ouvidor ou como um caso peculiar saído nos jornais. O homem Nathan J. Burraws também chamou sua atenção. Tais aspectos parecem não ter ficado tão evidentes àqueles que analisaram anteriormente as “Nota Semanais” de 23 de junho e 21 de julho de 1878. Para observar tais elementos foi preciso, entre outras coisas, um olhar mais aprofundado para o contexto histórico, uma leitura mais integral das duas crônicas, um resgate dos debates produzidos sobre o liberiano e, por fim, assim como fez Machado, foi necessário dar atenção ao indivíduo que ali pleiteava uma nova condição de vida.

A bibliografia especializada na obra de Machado de Assis vem, há anos, tentando mapear os

muitos textos em que o escritor comentou temas ligados à escravidão, abolição e racismo. Se um dia já se pensou que o literato pouco se interessou sobre assuntos como esses, hoje já sabemos que Machado insistentemente comentou questões centrais para o Segundo Reinado (PEREIRA, 1944; MAGALHÃES JÚNIOR, 2008; SCHWARZ, 1977, GLESDON, 2003; CHALHOUB, 2003). Sabemos que em seus contos, crônicas e romances Machado deixou vestígios de suas impressões sobre raça, gênero e as violências cotidianas do mundo da escravidão (TRÍPOLI, 2006; VITAL, 2012; CHALHOUB, 2016; RAMOS, 2024). Nessas diferentes tentativas de rastrear e organizar os textos em que Machado fez referências explícitas a personagens negros ou questões ligadas ao cotidiano da escravidão e da vida dos libertos, a história de Burraws, contudo, acabou ficando de fora (MAGALHÃES JÚNIOR, 1957; DUARTE, 2007). Resgatá-la reforça não só o olhar atento do literato para tais questões, como indica o grande potencial das mais de 600 crônicas que autor escreveu, acompanhando de perto os principais eventos políticos e sociais do Brasil imperial.

Referências

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. *O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALONSO, Ângela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- ASSIS, Machado de. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- AZEVEDO, Célia M. M. de. *Dois estudos sobre imigração e racismo*. São Paulo: Annablume, 2012.
- BALABAN, M. “Transição de cor”: raça e abolição nas estampas de negros de Angelo Agostini na Revista *Illustrada Topoi (Rio de Janeiro)*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 418-441, jul.-dez. 2015.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: CANDIDO, Antonio et al. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

- CARVALHO, J. M. de. Introdução. In: CONGRESSO AGRÍCOLA (1878 : Rio de Janeiro, RJ). *Anais do Congresso Agrícola realizado no Rio de Janeiro em 1878*. Edição fac-similar. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1988.
- CARVALHO, Marcus J. M. de. Quem furta mais e esconde: o roubo de escravos em Pernambuco 1832–1855. *Estudos Econômicos*, São Paulo, v. 17, n. especial, p. 89-110, 1987.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. Apresentação. In: CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.). *A História contada: capítulos de história social da literatura do Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHALHOUB, Sidney. John Gledson, leitor de Machado de Assis. *ArtCultura*, 8 (13), pp. 109-115, jul.- dez. 2006.
- CHALHOUB. *Machado de Assis: historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (Org.) *Histórias em cousas miúdas. Capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.
- CHALHOUB. *A força da escravidão: ilegalidade e costume no Brasil oitocentista*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CHALHOUB, Sidney. Posfácio. In: BADARÓ, Francisco Coelho Duarte. *Fantina: cenas da escravidão*. Posfácio e anotações de Sidney Chalhoub. São Paulo: Chão Editora, 2019.
- CHICORSKI, Ana Carolina C. “*Eles procuram a sua casa, e preferem o seu cativo*”: fuga de escravizados para trocar de senhor no sudeste brasileiro, 1829-1880. 2023. [Número total de folhas ou páginas] f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023.
- CRESTANI, Jaison L. Sob o signo da rivalidade: o perfil editorial do jornal *O Cruzeiro*. *Miscelânea*, Assis, v. 14, p.141-162, jul-dez. 2013.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. *Negros, estrangeiros: os escravos libertos e sua volta à África*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012.
- DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Machado de Assis afro-descendente – escritos de caramujo: antologia*. Organização, ensaio e notas: Eduardo de Assis Duarte. 2. ed., 1. reimp. Rio de Janeiro: Pallas; Belo Horizonte: Crisálida, 2009.
- EISENBERG, Peter. *Homens esquecidos: escravos e trabalhadores no Brasil. Séculos XVIII e XIX*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

- FARIA, Sheila Siqueira de Castro. *Sinhás pretas, damas mercadoras. As pretas minas nas cidades do Rio de Janeiro e de São João Del Rey (1700-1850)*. 2004. Tese (Concurso para Professor Titular de História do Brasil) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.
- FARIAS, Juliana Barreto. *Mercados Minas: africanos ocidentais na Praça do Mercado do Rio de Janeiro (1830-1890)*. 2012. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- GAY, Peter. *Represálias selvagens: realidade e ficção na literatura de Charles Dickens, Gustave Flaubert e Thomas Mann*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- GILMAN, Sander L. *Making the body Beautiful: a cultural history of aesthetic surgery*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2001.
- GINZBURG, CARLO. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras 2007.
- GLEDSON, John; GRANJA, Lúcia. Introdução. In: MACHADO DE ASSIS. *Notas semanais*. Organização, introdução e notas John Gledson e Lúcia Granja. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- GUIMARÃES, Bernardo. *Lendas e Romances*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1871.
- HEARD, William Henry. *The Bright side of african life*. Philadelphia: A.M.E. Pub. House, 1898.
- KOUTSOUKOS, Sandra S. M. Botocudos no Brasil, 1882. In: KOUTSOUKOS, Sandra S. M. *Zoológicos humanos: gente em exposição na era do imperialismo*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- LAMOUNIER, Maria Lúcia.. *Da escravidão ao trabalho livre. A lei de locação de serviços de 1879*. Campinas: Papirus, 1988.
- LIMA, Henrique Espada. Sob o domínio da precariedade: escravidão e os significados da liberdade de trabalho no século XIX. *Topoi*, v.6, n.11, pp.289-326, jul-dez. 2005.
- LINDEN, Marcel van der. *Trabalhadores do mundo: Ensaios para uma história global do trabalho*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1957.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Vida e obra de Machado de Assis: Ascensão*, vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981.
- MAMIGONIAN, Beatriz G. *Africanos livres: a abolição do tráfico de escravos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- MARTINS, Alex Lara. O anjo e a besta: a antropologia pascalina no laboratório de Machado de

Assis. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 29, n. 4, p. 65-82, out./dez. 2019.

MEGID, Daniele. *À roda de Brás Cubas: literatura, ciência e personagens femininas em Machado de Assis*. Campinas, SP: Nankin editorial, 2014.

MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. Liberdade em tempos de escravidão. In: CHAVES, Cláudia Maria das Graças; SILVEIRA, Marco Antonio (Org.). *Território, conflito e identidade*. Belo Horizonte: Argumentum, v. 1, p. 89-104, 2007.

NEVES, Margarida de Souza. História da Crônica, Crônica da história. In: REZENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio: CCBB, 1995.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Das batalhas literárias e sociais surge o “método”: escravidão, trabalho livre e imigração nas crônicas de Machado de Assis (1878-1883)”. *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 11, n.23, pp.11-33, abr. 2018.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. Machado de Assis, cronista da Abolição: literatura e experiência histórica. In: WERKEMA, Andréa Sirihal; MANSUR, Felipe; ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Machado de Assis e os direitos humanos*. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2024.

RAMOS, Ana Flávia Cernic. *As máscaras de Lélío: política e humor nas crônicas de Machado de Assis (1883-1886)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2016.

SANTOS, Vladimir Chaves. História de Polifemo: entre a vida primitiva e a idade de ouro. *Diálogos*, Maringá, PR, v. 23, n. 2, p. 4-18, maio/ago. 2019.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil –1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

SILVA, André Miranda Decotelli da. “Nenhum de vocês o conhece bem”: a atopia socrática e seus elementos eróticos e dionisíacos no *Banquete* de Platão. 2019. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RIO). Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia, 2019.

SLENES, Robert W. “Malungu, ngoma vem!”: África coberta e descoberta do Brasil. *Revista Usp*, n. 12, p. 48-67, 1992.

SOUZA, Mônica Lima. *Entre margens: o retorno à África de libertos do Brasil (1830-1870)*. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Departamento de História, 2008.

SOUZA, Tainá Elis Santos de. “Redenção da África: a libertação e elevação da raça africana”: os primeiros discursos de Edward W. Blyden e o estabelecimento da Libéria (1856-1871). 2020. 150 f. Dissertação (Mestrado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade

RAMOS, Ana Flavia Cernic. Machado de Assis e o “anão da Libéria”: raça, trabalho e liberdade nas crônicas *Notas Semanais* (1878)

Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

TERRA, Paulo Cruz. Relações étnicas no setor de transporte: carregadores, cocheiros e carroceiros no Rio de Janeiro (1824-1870). *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 3, p. 27-40, 2009.

TRÍPOLI, Mailde Jerônimo. *Imagens, máscaras e mitos: o negro na obra de Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil, 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VITAL, SELMA. *Quase brancos, quase pretos: representação étnico-racial no conto machadiano*. São Paulo: Intermeios, 2012.

VOLOBUEF, Karin. Victor Hugo e o grotesco em Notre-Dame de Paris. *Lettres Françaises*. Araraquara, v. 5, p. 25-34, 2003.

ZANKER, Paul. *The mask of Socrates: the image of the intellectual in Antiquity*. Los Angeles: University of California Press, 1995.